

PSICOLOGIA

O ACADÊMICO DE PSICOLOGIA, A MORTE E O MORRER: A RELEVÂNCIA DOS TEMAS NA FORMAÇÃO

DOI: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i1.516>

THE ACADEMIC OF PSYCHOLOGY, DEATH AND DYING: THE RELEVANCE OF THE SUBJECT IN THE FORMATION

Elaine Kezen R. Nogueira Carnicheli¹; Roberson G. Casarin².

RESUMO: O presente estudo busca compreender se a formação acadêmica do curso de graduação em psicologia está oferecendo aos estudantes um aprendizado adequado referente o enfrentamento da morte e do morrer. Os acadêmicos estão preparados para lidar com seus sentimentos relacionados à morte? Como a formação acadêmica está auxiliando nesse processo de compreensão? E de que maneira lidar com essa problemática que é tão pouco abordada nos cursos superiores de saúde mental? Os objetivos eram compreender a concepção dos acadêmicos de Psicologia acerca da relevância da abordagem dos temas morte e morrer no processo de formação, assim como se o aluno consegue diferenciar e definir morte e morrer, além de analisar como a formação acadêmica aborda o processo de enfrentamento à morte e também avaliar quais são os sentimentos dos acadêmicos perante esses temas. A metodologia utilizada foi à pesquisa de campo exploratória com caráter descritivo, quantitativo. Os resultados obtidos no estudo demonstram que os participantes possuem dificuldades em diferenciar e definir os termos estudados, além de que a grande maioria não se sentem preparados para enfrentar na prática este fenômeno que ainda é considerado tabu, a partir do prisma dos participantes fica perceptível que a formação não é muito clara no que tange os assuntos morte e morrer, além de que grande parte não se sentem preparados para lidar com seus próprios sentimentos diante de situações pertinentes aos temas.

Palavras-chave: Morte. Morrer. Formação em psicologia.

ABSTRACT: *The present study search to understand the academic formation in graduate courses in psychology offering for the students appropriate learning face the death and dying. Are the academics prepared to get along yours feelings related to death? How the academic formation helping in this process? And, how to deal with this problem what is not discussed in the higher education of mental health? The objectives were to understand the conception of Psychology scholars about the relevance of approaching the themes of death and dying in the formation process, as well as if the student can differentiate and define death and dying, besides analyzing how the academic formation approaches the coping process to death and*

¹ Psicóloga graduada pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Pesquisadora participante. E-mail: kezenalany@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6325-9752>;

² Psicólogo. Doutor em Saúde. Professor da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. **Pesquisador responsável.** E-mail: rgcasarin@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2732-780X>.

also to evaluate the feelings of the academics towards these themes. The methodology used for inquiry is an exploratory search, it is descriptive and quantitative. The results of the study show which the participants haven't difficulties to differing and defining the study terms, and the major don't prepared to face yours feeling about this phenomenon that is still considered taboo, from the perspective of the participants is possible to see that the graduation isn't exploring the questions about death and dying, so the students wasn't prepared to deal your felling of the evidence topics.

Keywords: *Death. Die. Formation in psychology*

INTRODUÇÃO

O que pode haver de importante em pesquisar uma questão como a morte e o morrer? ⁽¹⁾ Na atualidade, fica perceptível uma negação extrema acerca do estudo destas expressões, visto que para o homem o enigma não é a morte, mas o fato dele, como sujeito, morrer, pois tal realidade gera angústia, medo e desconforto. Deste modo percebe-se, então, um despreparo no que diz respeito ao enfrentamento desse fenômeno, tanto na sociedade em geral como também nos profissionais ligados à saúde, que geralmente têm sua formação voltada para a vida.⁽²⁾

Dessa forma, o trabalho do psicólogo diante da morte é de fundamental importância, pois consiste em propiciar uma atmosfera acolhedora àquele que precisa e queira falar sobre seus medos e dificuldades perante o processo de morte e morrer. Assim sendo, faz-se necessário o estudo da temática, a fim de ponderar a formação desse profissional diante deste

tipo de evento, visto que a morte é elemento diário na atuação do profissional, seja na clínica, no hospital ou nas demais áreas de desempenho.

Deste modo, é imprescindível que o estudo da morte seja discutido na formação acadêmica, para que os futuros profissionais sejam devidamente capacitados e preparados para lidar na humanização do cuidado.

O presente estudo foi realizado com 108 acadêmicos do curso de graduação em Psicologia em uma instituição particular e de ensino superior. Teve-se como objetivo compreender a concepção dos acadêmicos de Psicologia acerca da relevância da abordagem dos temas morte e morrer no processo de formação, assim como se o aluno consegue diferenciar e definir morte e morrer, além de analisar como a formação acadêmica aborda o processo de enfrentamento à morte e também avaliar quais são os sentimentos dos acadêmicos perante esses temas. O material utilizado consistiu em um

questionário impresso em folha sulfite, contendo seis questões, sendo uma pergunta aberta e todas as outras objetivas fechadas.

A morte e o morrer são temas vistos através de diferentes perspectivas na história da humanidade, sem afirmar verdades absolutas, já que, quando abordadas, desperta curiosidade, provoca desconforto e geralmente vêm acompanhados de inúmeros questionamentos, para os quais se descobre a incontestável resposta de que morrer é inevitável, intrínseco à vida e representa a certeza de que a todo nascimento integra-se a um momento de fim.⁽³⁾

Percebe-se que atualmente, são muitos os estudos biológicos, psicológicos, sociológicos, médicos, filosóficos, entre outros sobre a morte, que busca entender a maneira como em diferentes culturas e classes sociais é encarado o fato de que os seres humanos morrem. Tais estudos são de extrema relevância, uma vez que evidenciam o tema como um fenômeno natural, social e humano que perpassa o ciclo vital e deixa marcas, sendo algo que não pode ser descrita de forma precisa, ou seja, o próprio termo “morte” não dá conta do seu real significado, porém cada indivíduo tenta associá-la a outra palavra, as quais possam expressar ideias,

fantasias, crenças e mitos. Contudo, essas expressões acabam consistindo-se em respostas escassas para apresentar o muito que se imagina e o pouco que se sabe sobre o fenômeno.^(4, 5)

A partir desse enigma de conceituar concretamente a morte, torna-se de extrema importância retratar no presente estudo algumas definições na perspectiva de diferentes teóricos sobre as palavras morte e morrer. Neste panorama torna-se primordial apresentar uma das melhores significações sobre a morte e o morrer onde Moritz⁽⁶⁾ descreve que “a morte é compreendida como a cessação definitiva da vida e o morrer como o intervalo entre o momento em que a doença se torna irreversível e o êxito letal.”(pag. 30). No mesmo enfoque, o termo morte apresenta como origem o substantivo latino “mors”, que significa morte, passamento, falecimento e fim da vida.⁽⁷⁾

Apesar de a morte constituir-se em um acontecimento intrínseco à vida, os seres humanos, buscam inventar por meio da ciência novas tecnologias, desenvolvem medicamentos importantes, buscam desenvolver conhecimentos universais, porém a tão sonhada pílula da imortalidade ainda não foi apresentada. Desse modo, enquanto não existe um “remédio” que impeça a morte, a religião oferece ao ser humano o alento que a

ciência não consegue, através do prenúncio de que existe vida eterna e/ou a reencarnação.⁽⁸⁾

Assim, faz-se necessário mencionar que quando existe uma crença em Deus e na vida após a morte as pessoas tendem a aceitar mais naturalmente a morte como uma parte essencial da vida e deste modo tentam desenvolver uma conduta de aproximação a ela, no sentido de compreendê-la.⁽⁹⁾

Apesar da angústia perante a morte circunscrever toda a nossa existência, apenas refletimos a seu respeito ao depararmos-nos com nossa fragilidade diante da perda de algum ente querido. Assim, através da morte do outro vemos-nos em seu lugar e recebemos o futuro. Ao mesmo tempo, depois de algumas semanas do acontecido, regressamos aos nossos afazeres diários e esquecemo-nos de que também somos simples mortais.⁽⁸⁾

Nesta perspectiva de fragilidade dos familiares, amigos e até mesmo profissionais em geral é essencial à atuação do profissional em psicologia, com o objetivo de amenizar o sofrimento humano. Assim sendo, a busca por conhecimentos a respeito da morte e suas abrangências torna-se cada vez mais crucial, já que, infelizmente, muitos pacientes e seus familiares carecem da ajuda de um profissional capacitado que

possa auxiliá-los neste momento crítico.⁽¹⁰⁾ Deste modo a morte adequada necessitaria estar acompanhada por uma junção entre os princípios religiosos, morais e terapêuticos, propiciando àquele que está morrendo uma atenção respeitosa com suas crenças e valores. Dessa maneira, a boa morte deve assegurar o sentido da vida e da existência, para que a mesma seja um ato de cuidado, pois se o profissional se privar de seus sentimentos, utilizando como proteção uma pretensa neutralidade científica, o paciente é muitas vezes visto como um mero objeto, deixando assim, de ser considerado sujeito de sua vida e de sua morte.⁽¹¹⁾

Assim sendo a psicologia como ciência busca trabalhar essa humanização e acolhimento do sujeito, enxergando sua totalidade, potencialidade e vontade própria.

A origem da Psicologia moderna ocorreu na Alemanha no final do século XIX. Seu status de ciência é adquirido à medida que se “desata” da Filosofia, a qual de certa forma marcou sua história, e atrai novos teóricos e pesquisadores, que, mediante os atuais padrões de produção de conhecimento, passam a conceituar seu objeto de estudo, tais como: o comportamento, a vida psíquica e a consciência. A partir de então se busca

delimitar o campo de estudo, diferenciando-o de outras áreas de conhecimento.⁽¹²⁾

Deste modo, surge então as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) cuja versão final foi estabelecida em 2004, que substitui os campos que até então era tradicionais (Psicologia Clínica, Escolar e Organizacional), por ênfases curriculares, a serem optadas por alunos nos períodos finais do curso. Tais ênfases poderiam ter inclusive aspectos de duas ou mais áreas interligadas.⁽¹⁴⁾

Assim, pode-se dizer que a faculdade onde foi realizado o presente estudo, oferece aos acadêmicos do curso de psicologia duas possibilidades de ênfases, as quais consistem em Psicologia e processos clínicos e Psicologia da Saúde Individual e Coletiva, ficando então, a critério do estudante optar pela ênfase que tenha maior afinidade para realizar o estágio final.

Apesar de os cursos de graduação hoje, tentarem oferecer aos acadêmicos possibilidades de matérias que abordam esses temas, infelizmente, a temática da terminalidade ainda é tratada de modo incipiente nos cursos de graduação, pós-graduação e extensão.⁽¹⁶⁾ Deste modo em concordância, alguns teóricos salientam que diversos cursos de formação da área de saúde estão desprovidos, em seus

currículos, de disciplinas que abordem a morte, o luto e o processo de morrer.⁽¹¹⁾ Assim, pode-se dizer que o estudo da morte é indispensável para este profissional, em específico para os que estão em processo de formação, uma vez que eles são antes de tudo seres humanos, que possuem sentimentos, crenças, emoções e reações diante desse fenômeno. Por isso, torna-se de fundamental relevância a busca de autoconhecimento, especialmente nas questões relacionadas à morte e à vida.⁽¹⁷⁾

Desta forma é de fundamental relevância que o profissional seja capaz de promover uma intervenção eficaz no caso de pacientes que estão em iminência de morte, incluindo então não apenas os aspectos biológicos, mas também as emoções que estes desencadeiam.

Logo, o trabalho durante a formação acadêmica sobre a morte é imprescindível, com a finalidade de que haja profissionais habilitados para trabalharem na humanização do cuidado. Desse modo, torna-se significativo compreender o modo que se é trabalhado o processo de morte e morrer durante a Graduação em Psicologia e, com isso, colaborar para um debate sobre a imprescindibilidade do preparo formal desse profissional perante a morte.⁽¹⁵⁾

Assim, pode-se entender que a função do psicólogo é fazer com que alguém, que se acha em um período de perda e dores intensas, o qual já não acha motivos para existir, descubra razões e ache-os dentro de si mesmo, manifestando as dores do seu corpo e de sua alma, restaurando laços e desfazendo nós. Reconhecendo que, além de um corpo doente e que já não responde às intervenções, há um ser que ainda vive em sua subjetividade e permanecerá existindo no coração daqueles que o amam.⁽¹⁰⁾

Ainda nesta perspectiva, pode-se descrever que o papel dos psicólogos, enfermeiros e cuidadores consistem em acolhimento, escuta generosa e solidária, pois a psicologia hospitalar tem como função dar suporte de conforto, além de amparar afetivamente, provocando então, a minimização do sofrimento para provocar percepções diferentes e novas. Este profissional é um mediador, um aliado, sendo presença necessária através de sua escuta e inferências assertivas, possibilitando ao paciente e aos familiares reflexões acerca do contexto de doença/saúde.

O apoio acolhedor e a compreensão diante do sofrimento e dor do outro humaniza, acolhe pela escuta e conduz pelo método da palavra bem/dita à intervenção psicoterápica. Tal processo

ocorre tanto dentro do contexto hospitalar como também na área clínica.⁽¹⁸⁾

Assim, o trabalho do psicólogo em caso de morte consiste permitir que o indivíduo tenha uma morte digna, holística, podendo reorganizar sua própria história, dando um sentido ao momento e tendo a certeza de que sua existência foi importante.⁽²⁴⁾

Por meio do exposto fica clara a indispensabilidade de se completar o espaço na formação de futuros profissionais da saúde, investindo não só no que diz respeito ao lidar com a morte e o morrer, mas ainda na questão da humanização das relações pessoais que se dão nos ambientes de atuação, seja ele hospitalar, clínico, ambulatório entre outros.⁽²⁰⁾

É importante frisar que a universidade é o contexto mais apropriado para a criação de uma visão crítica-reflexiva para o processo de morte e morrer, que pode promover alteração no olhar/pensar dos futuros profissionais. Tais olhares e pensamentos advindos de uma crítica reflexiva podem provocar modificações tanto no meio profissional quanto na sociedade e talvez, em uma visão utópica, proporcionar mudanças na cultura de ver e enfrentar a morte. Afinal, é no ensino superior que se produz ciência,

humanização no atendimento e mudança de paradigmas.⁽²¹⁾

2 METODOLOGIA

O estudo consiste em uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quantitativa, realizado no ano de 2016 com os acadêmicos do curso de graduação em psicologia de uma instituição particular que conta com um total de 134 acadêmicos regularmente matriculados em um município do interior do Estado de Rondônia, sendo desenvolvido nas dependências da instituição. Dessa população, 108 estudantes aceitaram participar do estudo e 5 recusaram. Os demais, ou faltaram no dia da aplicação do questionário ou são alunos desistentes que ainda não efetivaram o cancelamento da matrícula.

Neste estudo optou-se pelos seguintes critérios de inclusão: estar regularmente matriculado no curso; concordar em participar do estudo; quando maior de idade assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e, quando menor de idade assinar o Termo de Assentimento (TA), assim como obter a assinatura dos responsáveis legais no TCLE. Já quanto aos critérios de exclusão foram: não compor quadro de acadêmicos regularmente matriculados; não aceitar participar do estudo; recusar assinar o TCLE ou TA.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário de caráter individual, o qual constou seis questões, sendo uma aberta e cinco fechadas. Para sua aplicação, deu-se preferência à abordagem de cada turma de forma independente, além de não se estabelecer tempo limite para o seu preenchimento. Antes da aplicação o questionário passou por validação instrumental com 10% dos participantes, em uma população semelhante ao estudo. Para a análise utilizou-se de gráficos e tabelas, no que concerne às questões objetivas e em relação à pergunta dissertativa, utilizou-se categorização e análise de conteúdo.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, mediante o parecer de número 1.574.269 CAAE: 55049316.1.0000.5601.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pergunta de número um consistiu em uma pergunta aberta, foi questionado o que os acadêmicos entendem por morte e morrer, deste modo será utilizado fragmentos das respostas de alguns participantes com o intuito de compreender as diversas percepções acadêmicas, alternando entre o primeiro e o nono período sem utilizar identificação dos mesmos.

Os trechos literais expostos abaixo são exemplos de algumas expressões em que os estudantes apresentam o que compreendem sobre os termos morte e morrer.

“Morte: O fim de uma vida. Morrer: Fim de um ciclo.”

“Um ponto final que pode ser colocado no meio do discurso a qualquer momento.”

Nos fragmentos acima podemos notar a constância da palavra “fim”, que os participantes usaram para apresentarem suas percepções acerca da temática estudada.

No entanto, a relação com a morte está longe de ser unívoca, uma vez que, de acordo com as experiências de cada um, ela pode se mostrar e ser compreendida de diferentes formas.⁽⁸⁾

Deste modo, faz-se necessário mencionar que apareceram diversas outras respostas que compreendem os termos morte e morrer como “fim”, empregando assim diversas expressões, tais como: fim da vida, fim de um ciclo, fim de uma etapa, finitude, última fase, fim da existência, inexistência, término da vida, deixar de existir em todos os sentidos da vida, paciente terminal, estágio terminal e terminalidade.

Pode-se dizer que a significação que cada sujeito tem acerca da morte se dá a partir de diversos fatores, entre eles a idade cronológica, estrutura da personalidade e o contexto social e cultural que estão inseridos.⁽²²⁾

Percebe-se ainda que há assertivas que vinculam a morte com a “certeza”, surgindo assim representações simbólicas que aludem o termo morte a um fato inevitável, imutável, irreparável, irreversível, concreto e única certeza da vida.

“Evento irreparável, irreversível, onde a vida se finaliza.”

“A morte é inevitável, cedo ou tarde ela vai chegar independente de estarmos prontas ou não. [...]”

Há ainda aquelas expressões que expõem a morte como um processo e consequência natural da vida.

“A morte é um processo natural do ser humano.”

A morte infelizmente faz parte da vida humana. É um fato triste e natural, todos um dia vão morrer. Para morrer basta estar vivo.

Em consonância, pode-se dizer que a morte representa o findar de um ciclo, tratando-se de uma circunstância natural que todos passarão, sendo fato que o indivíduo é um ser para a morte e que esta

um dia acontecerá, entretanto não se pode saber o exato momento. Todavia cada indivíduo exibe uma reação de acordo com suas próprias experiências, crenças e valores culturais. ⁽²¹⁾

Surgiram ainda participantes que compreendem a morte e o morrer como um processo biológico, tais como a ausência ou cessação de funções vitais, a cessação do funcionamento orgânico, processo biofisiológico, desfalecimento orgânico/biológico, a paralisação dos órgãos, falência dos órgãos, falecimento de si, fim do funcionamento biológico, falta de sinais vitais, falecimento do corpo e processo biológico.

Nesta perspectiva a morte pode ser compreendida pela ótica da interrupção completa e definitiva das funções vitais, com o desaparecimento da integração funcional e destruição progressiva das unidades celulares. ⁽²³⁾

A morte é o fim da vida, quando as funções vitais do corpo humano cessam. Morrer é o processo que todo ser vivo está destinado a ocorrer/sofrer.

Observaram-se ainda respostas com cunho religioso, como início de outra etapa/vida, última etapa, término da vida, vida eterna, passagem, processo de transformação e destino.

“O fim da vida terrena e o início da vida eterna.”

“A morte é uma passagem para a vida, a tão sonhada liberdade da alma.”

Nesse sentido, o modo de compreender a morte é encarando-a como início de um ciclo de vida. Nessa perspectiva de entender a morte, encontram-se indivíduos que afirmam haver a reencarnação ou a vida espiritual. Grande parte das religiões e seitas apoia-se nessa maneira de entender a finitude do ser humano, garantindo a imortalidade da alma. A ideia é de que após o evento fúnebre chegaremos a uma terra de felicidades eternas ou conheceremos o castigo sem fim, como frequentemente é exposto pelas religiões para satisfazer o desejo humano de eternidade. ⁽⁴⁾

A religião gera alívio ao sofrimento e proporciona conforto ao indivíduo que vivencia esse processo de dor. Isso se relaciona ao fato de que o esclarecimento oferecido pelos sistemas religiosos se aproxima mais do contexto sociocultural do homem que as explicações apresentadas pela medicina, muitas vezes de uma forma reducionista. ⁽¹⁶⁾

Por isso, é de fundamental importância que o profissional da área da saúde considere a religiosidade do sujeito enfermo e seus familiares ao planejar e executar suas intervenções, colaborando

para a conservação de uma relação de respeito e confiança com essa clientela.

No entanto, faz-se notório no presente estudo que existe aquele que não acredita na existência de outra vida. Nessa mesma linhagem, surgiu expressão interligada à questão mística, como exemplo a menção de sono profundo.

“Sobre a morte, entendo que ela é como se fosse um sono profundo, [...] um estado de inconsciência [...].”

Alguns participantes relataram sentimentos como tristeza, medo, frustração, perda, ruptura, desapego, incertezas e conflitos.

[...] Processo geralmente doloroso de ruptura.

[...] Tenho medo de morrer, mas ainda prefiro eu morrer a perder um membro da minha família.”

A morte representa destruição, falta, perda, desamparo e separação, sendo considerado um território indecifrável, imprevisível, inexplorado, nunca antes experienciado, podendo ser associada à dor, crueldade, solidão, abandono, que não se trata exclusivamente de um evento biológico, mas intensamente humano.⁽¹⁹⁾ Nessa mesma perspectiva, alguns teóricos propõem a criação de ambientes de discussões nos quais os sentimentos

decorrentes da morte possam ser compartilhadas na formação como uma maneira de tornar mínimo os efeitos de lidar com este fenômeno, ainda recomendam sobre a necessidade de algumas disciplinas focarem nos sentimentos que este acontecimento provoca no acadêmico, proporcionando assim uma aproximação com indivíduos em diferentes fases do desenvolvimento, para que assim quando o mesmo chegar ao período de estágio esteja apto para lidar com situações que demandam preparação emocional e psicológica.⁽¹¹⁾

Observa-se ainda resposta que demonstra o surgimento de transtornos psíquicos como decorrência da morte e do morrer, evidenciando-se assim que um participante considera esse processo como responsável para o aparecimento de problemas psicológicos nos familiares que experienciam a perda de entes queridos.

[...] um processo de luto que se não elaborado poderá desencadear uma série de transtornos psíquicos no indivíduo.

Nessa mesma perspectiva aparecem também três respostas em períodos distintos que realçam a não compreensão de o “por que” de tal fato acontecer. Desse modo, surgiram respostas que consideram a morte como algo sem sentido, sem escolha e sem explicação. Exemplo:

Algo sem muito sentido, você não tem ao menos o direito em muita das vezes de se despedir, nenhum um último olhar.

Há ainda aqueles que enfatizam a falta de preparação para lidar com tal situação e surgiu também à utilização da expressão estado de nirvana, que pode ser entendida como uma libertação da aflição humana.

É o findar da vida e de todos os atributos inerentes a esta. [...] um estado de nirvana, termo o que segundo a teoria que sigo é inconscientemente desejado.

Observa-se ainda uma resposta que descreve a morte como consequência das nossas crenças e aprendizados, sendo vista como algo transmitido pela cultura e que é enraizado.

[...] Morte é o fato não só biológico, mas que está infundido na cultura de cada sociedade, onde existem várias crenças a respeito do tema.

Compreende-se, então, que os conceitos sobre a morte e o morrer são estabelecidos ao longo das experiências particulares, culturais, sociais e até espirituais de cada indivíduo.

Vale ressaltar que uma grande quantidade de participantes não conseguiram diferenciar os termos morte e morrer, utilizando assim respostas que

definem ambos os termos. É importante enfatizar que alguns utilizaram como respostas a dificuldade de definir e diferenciar os termos.

“Não consigo diferenciar os termos.”

“Ao meu entender ambas tem o mesmo significado [...]”

Torna-se importante frisar que houve uma grande evolução nas respostas dos períodos em etapa final, como exemplo nono período, porém, apesar do progresso nas respostas desse período, são poucos os acadêmicos que de fato conseguiram diferenciar e definir os termos de forma concisa, ou seja, dos 24 acadêmicos do 9º período, 13 conseguiram diferenciar e definir os termos e 11 participantes não conseguiram fazer essa separação, utilizando assim, uma única resposta para definir ambas as expressões.

Assim, pode-se compreender que dos 108 acadêmicos, 81 apresentam dificuldades em conceituar e diferenciar os termos de forma clara e precisa, restando assim somente 27 respostas que estão coesas. Nessa perspectiva, torna-se de suma relevância salientar que apesar de estudar a subjetividade e o comportamento humano pouco se sabe sobre a morte e o morrer. Dessa forma, percebe-se que a formação tem tentado oferecer subsídios

sobre os temas estudados, no entanto não são suficientes para que os estudantes a conceituem e diferenciem de forma clara e precisa.

A partir da pergunta de número dois, os respondentes deveriam optar por uma única alternativa, pois as questões consistiam em objetivas e fechadas, na questão de número dois em específico, foi questionado se os acadêmicos consideravam importante falar sobre a morte e o morrer, ficando perceptível nos resultados, que conforme foi evoluindo os períodos, maior a porcentagem de grau de relevância do tema representado pelo número.⁽⁵⁾

Dessa forma, observa-se que 64,81%, dos 108 participantes consideram de extrema importância estudar morte e morrer na formação, enquanto que apenas um participante avalia que existe pouca relevância estudar a temática, respondendo assim o grau de relevância menor que é representado pelo número. ⁽¹⁾

Esse percentual exibido corrobora com estudos que enfatizam a relevância da inclusão do tema na formação do psicólogo, afirmando que a morte faz parte do cotidiano profissional, tanto na escola e hospital como na área clínica e organizacional, entre outras áreas.⁽²⁴⁾

Apesar da importância de se abordar o tema morte é necessário averiguar os

cursos da área da saúde, como enfermagem e psicologia, pois, observa-se que esses cursos em específicos não estão preparando o futuro profissional nas questões relativas à morte de modo apropriado, sendo notório a escassez de discussões teóricas e práticas na academia.⁽²⁴⁾

Já na terceira pergunta foi questionado se os estudantes participaram de discussões sobre terminalidade no curso de graduação ou em algum outro momento fora do curso, assim os dados obtidos nesta questão retratam que dos 108 participantes mais da metade, especificamente 56,48%, já tinham participado de discussões que versavam a terminalidade, enquanto que 42,59% dos integrantes da pesquisa nunca participaram e 0,93% alegaram que participaram de discussões sobre terminalidade fora do contexto acadêmico. Assim, pode-se dizer que de alguma maneira o curso de Psicologia tem tentado inserir essa temática no alforje de sua formação, o que, segundo os autores citados por último, é essencial.

Concernente à questão quatro, em relação ao participante se sentir preparado para lidar com seus próprios sentimentos perante a morte, os resultados revelam que 77,78% dos 108 acadêmicos utilizaram os graus de número (1), (2), (3)

que podem ser considerados como um grau em que o estudante não está plenamente preparado para lidarem com seus próprios sentimentos perante a morte (observar **Tabela 6**). Desse número, apenas 22,22% dos acadêmicos responderam as escalas (4), (5), ou seja,

apenas uma pequena parcela sente-se satisfatoriamente preparada para lidar com tal situação. Abaixo se observam as tabelas dos períodos em que foi aplicado o questionário, sendo que a **Tabela 6** corresponde a todos os períodos estudados.

Tabela 1 - Respostas 1º Período.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 5 | 17,25 |
| 2 | 8 | 27,58 |
| 3 | 7 | 24,14 |
| 4 | 5 | 17,24 |
| 5 | 4 | 13,79 |
| TOTAL | 29 | 100 |

Tabela 2 - Respostas 2º Período.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 6 | 35,29 |
| 2 | 3 | 17,65 |
| 3 | 3 | 17,65 |
| 4 | 2 | 11,76 |
| 5 | 3 | 17,65 |
| TOTAL | 17 | 100 |

Tabela 3 - Respostas 3º Período.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 4 | 16,67 |
| 2 | 5 | 20,83 |
| 3 | 11 | 45,83 |
| 4 | 3 | 12,50 |
| 5 | 1 | 4,17 |
| TOTAL | 24 | 100 |

Tabela 4 - Respostas 4º Período.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 2 | 14,29 |
| 2 | 5 | 35,71 |
| 3 | 6 | 42,86 |
| 4 | 0 | 0 |
| 5 | 1 | 7,14 |
| TOTAL | 14 | 100 |

Tabela 5 - Respostas 5º Período.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 6 | 25 |
| 2 | 1 | 4,17 |
| 3 | 12 | 50 |
| 4 | 4 | 16,66 |
| 5 | 1 | 4,17 |
| TOTAL | 24 | 100 |

Tabela 6 - Respostas de Todos os Períodos.

| Grau de Importância | Nº de Pessoas | % |
|---------------------|---------------|------------|
| 1 | 23 | 21,30 |
| 2 | 22 | 20,37 |
| 3 | 39 | 36,11 |
| 4 | 14 | 12,96 |
| 5 | 10 | 9,26 |
| TOTAL | 108 | 100 |

Neste sentido, é importante ressaltar que os psicólogos no contexto hospitalar são considerados profissionais apropriados para abrandar a angústia e o sofrimento alheio. No entanto, o que muitas vezes não se percebe é que tais profissionais apresentam problemas com as próprias questões sobre a morte, logo compete a este profissional estar preparado emocionalmente para aguentar as situações presentes no contexto hospitalar, clínico entre outros e que tenha informações imprescindíveis dos casos que lhe aparecem.

Apesar disso, torna-se importante mencionar que ele não está imune aos sentimentos de dor e angústia ao se deparar com a morte, porém nestes casos cabe unicamente ao psicólogo, ao entender que está vivenciando momentos de angústia, não se conter, mas sim buscar apoio, seja por meio de análise, supervisão ou outras formas. O que importa é que esse profissional necessita trabalhar essas demandas em sua própria vida, para que assim possa elaborar em si mesmo as questões que envolvem o morrer.⁽²⁵⁾

Além disso, a psicologia hospitalar talvez consista na única área da psicologia que tem uma proximidade tão ampla com a morte, uma vez que dificilmente na clínica o profissional perde de fato um paciente e, caso isso ocorra,

possivelmente ele não morrerá na presença do psicólogo, o que ocorre concretamente no contexto hospitalar. Assim sendo, o psicólogo hospitalar deve saber lidar com a morte.⁽²²⁾ Assim, é imprescindível que os profissionais de saúde enfrentem seus sentimentos perante a morte, já que, para lidar de maneira honesta com as dificuldades de quem está morrendo, é indispensável conseguirmos encarar a nossa própria finitude.⁽²⁰⁾

É necessário mencionar que este profissional da equipe de saúde é extremamente excepcional, dado que contém numerosos recursos para lidar com o tema. Tem ele ao seu dispor a supervisão, a literatura e a psicoterapia que pode auxiliá-lo a enfrentar o impacto e significado da morte em sua vivência, assim como na experiência do indivíduo que necessita de seus cuidados. Dessa forma, é inadmissível que os psicólogos não recorram a esses recursos básicos que os preparam para lidarem com casos de terminalidade.⁽²⁶⁾

Faz-se imprescindível frisar que independentemente da especialidade “[...] o mais importante é a atitude que assumimos e a capacidade de encarar a doença fatal e a morte. Se isto constitui um grande problema em nossa vida particular, se a morte é encarada como um tabu

horrendo, medonho, jamais chegaremos a afrontá-la com calma ao ajudar um paciente."⁽²⁷⁾ (pág. 42)

Já na questão de número cinco quando questionados se no curso de graduação de psicologia estão incluídas na grade curricular disciplinas que abordem terminalidade, paciente terminal e luto, observa-se que 86,21% dos 29 participantes do 1º período usam a resposta de letra (c), que consiste em “Não sabe opinar”, ou seja, grande parte não sabe dizer se existem disciplinas específicas que abordem os termos terminalidade, paciente terminal e luto.

Já nas respostas do 3º período do curso, observa-se que grande parte dos 17 acadêmicos da turma tem conhecimento sobre a existência de matérias que abordam tais expressões, mas em contrapartida 41,18% não souberam opinar sobre a pergunta.

Percebe-se nas respostas do 5º e 7º período respectivamente uma elevação em relação ao conhecimento da grade curricular, pois se percebe que dos 24 acadêmicos do 5º período, 13 deles afirmam que possuem matérias que abordam os termos, enquanto que somente 4 não souberam opinar sobre a questão, já no 7º período dos 14 acadêmicos participantes, 9 afirmam possuir matérias, o que equivale a mais da

metade dos alunos dessa turma. Dessa forma, compreende-se que há uma evolução significativa em relação à noção desses alunos sobre a grade curricular do curso e as matérias que abordam esses tópicos, onde se pode até entender que o acadêmico em algum momento da graduação já estudou e participou de discussões que tratam o assunto.

Pode-se dizer, assim, que os acadêmicos do 1º e 3º período do curso de graduação em psicologia não tem conhecimento do que vem pela frente, ou seja, não sabem o que será estudado durante seus próximos anos de academia, já que 86,21% dos acadêmicos do 1º período e 41,18% do 3º período não conseguiram opinar sobre a questão.

Ainda nesta questão 50% dos 24 acadêmicos do 9º período responderam a letra (a) que consistia em “Sim”, porém em contrapartida, nota-se que 41,67% dos participantes afirmam a “Não” abordagem de tais termos em matérias específicas, o que é um número alto comparado aos períodos anteriores. Dessa forma, observa-se uma dissonância entre este período com os outros aqui expostos, o que é preocupante, pois inferimos que ou os acadêmicos não absorveram a matéria anteriormente ministrada ou já esqueceram por não ser de seu interesse, fazendo nós pensar que, embora

graduação em psicologia ofereça subsídios, a mesma talvez não esteja sendo suficiente nesse ponto.

Assim, fazendo uma junção de todos os períodos, pode-se dizer que dos 108 participantes 42,59% afirmaram que existe(m) disciplina(s) na grade curricular que aborda(m) esses temas, porém, em contrapartida, 38,90% dos participantes enfatizaram que não existem matérias específicas que retratam as palavras mencionadas na pergunta que versa assuntos como terminalidade, paciente terminal e luto.

Desta forma, mediante o exposto é interessante frisar que a inserção do estudo da morte deveria ser feito desde os primeiros períodos do curso, uma vez que os acadêmicos dos períodos iniciais (1º, 3º) desconhecem a inserção desses assuntos, assim, torna-se fundamental a inserção da morte e morrer, para que quando o acadêmico chegar ao período de estágio esteja pronto para enfrentar as demandas que necessitam da capacidade de enxergar, ouvir e sentir o outro em seus medos e angústias diante de tal situação, além de que é relevante que o aluno busque informações e tenha a curiosidade de saber mais sobre a grade curricular e as matérias que compõem cada período.

Já na sexta questão, foi interrogado se o acadêmico como futuro profissional

sabia a importância da atuação do psicólogo em casos de enfrentamento da morte no contexto da área da saúde, observando-se que dos 108 participantes, 77,78% apontam que a presença do psicólogo no contexto da saúde é de extrema importância, enquanto somente 1,85% da população desconhecem a importância deste profissional no contexto hospitalar. Assim, o trabalho do psicólogo tornou-se indispensável no contexto hospitalar, dada sua sensibilidade e competência em lidar com demandas tão desconsideradas por outros profissionais da saúde, competindo ainda ao mesmo dentro da atmosfera hospitalar a escuta terapêutica, onde ele poderá dar vez e voz aos pacientes e seus familiares, permitindo que se sintam auxiliados e compreendidos, além de que agirá como intermediário entre ambos os lados.

Tal profissional poderá orientá-los na reestruturação de suas vidas, que apesar da proximidade com a morte poderão ser curtidas revendo amigos, reatando vínculos perdidos, perdendo e pedindo perdão, sendo que isso pode ser libertador, tanto para quem está em estágio final como também para aqueles que ainda vão ficar. ⁽¹⁰⁾

4 CONCLUSÕES

Com base nos resultados alcançados, foi possível perceber que a

morte e o morrer são temas de extrema relevância na formação acadêmica, mas também são interditos e poucos discutidos no contexto acadêmico.

Pode-se observar que a morte, devido a sua complexidade, gera nos alunos sentimentos diversos, tais como: medo, insegurança, tristeza, incompreensão, entre outros.

Os resultados evidenciam que muitos dos participantes não se sentem preparados para enfrentarem seus próprios sentimentos diante desse fenômeno, sendo necessário então que os mesmos reconheçam suas próprias dificuldades e fragilidades diante da morte.

Tal reconhecimento se caracteriza como o passo inicial para a criação de um ambiente mais natural e normal de aceitação ao tema, uma vez que como profissional da área da saúde é necessário estar preparado para acolher, facilitar e potencializar pessoas que estão em estágio terminal ou que vivenciam a perda de alguém querido. Mas para que esse processo seja eficaz é imprescindível que o profissional esteja com seus sentimentos organizados diante de tal fenômeno.

Sobre a formação, observamos que, a partir do ponto de vista dos participantes, não é muito clara no que tange aos temas abordados neste estudo, uma vez que foram somente 27 dos 108 participantes

que apresentaram claramente a definição dos termos estudados.

Concluimos que apesar dos acadêmicos possuírem conhecimentos sobre o tema, eles ainda apresentam dificuldades em diferenciar e conceituar os termos de forma precisa, onde as expressões morte e morrer acabam sendo vistas e entendidas como uma.

Dessa forma, é importante que o curso de graduação em psicologia ofereça além do estágio na área da saúde matérias e discussões concernentes aos assuntos, como exemplo a tanatologia que trata especificamente sobre a morte, pois se sabe que a matéria de psicologia hospitalar oferecida pelo curso de graduação em psicologia versa diversos temas pertinentes a atuação do profissional no contexto hospitalar, porém não foca exclusivamente em questões relacionadas à morte e o morrer.

É importante salientar, ainda, que essa disciplina é oferecida já nos períodos finais da graduação, demonstrando a importância de que temas concernentes à morte sejam vistos nos períodos iniciais da graduação, uma boa matéria seria a inclusão da tanatologia para os graduandos em períodos iniciais, pois quando chegasse os períodos de estágio os mesmos já estariam aptos para lidarem com os pacientes e familiares que

vivenciam e experienciam a morte e o morrer.

REFERÊNCIAS

1. SILVA, A L P. O acompanhamento psicológico a familiares de pacientes oncológicos terminais no cotidiano hospitalar. *Interação em Psicologia*, Paraná, v. 7, n. 1, p. 27-35, jan-jun 2003.
2. HOHENDORFF, Jean Von; MELO, Wilson Vieira. Compreensão da Morte e Desenvolvimento Humano: Contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 480-492, 2009.
3. RODRIGUEZ CF. O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte? (Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano). São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia; 2005.
4. CUNHA, Anderson Santana. Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. 5º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp, v.3,nº 1, 2010.
5. CORALLI, Bruna – O silêncio coletivo: A morte na atualidade e o desconforto causado por ela. *O Portal dos Psicólogos* 2012.
6. MORITZ, Rachel Duarte. O efeito da informação sobre o Comportamento dos profissionais da Saúde diante da morte. Tese de Doutorado (Título em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis 2002.
7. CAPUTO, Rodrigo Feliciano. A morte e os vivos: Um estudo comparativo dos sistemas tanatológicos linense bororo e suas interveniências nas interações sociais nestes dois grupos sociais. 2014. 228 F. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Instituto de Psicologia, São Paulo 2014.
8. BARBOSA, Camila Garpelli. A família e a morte: estudo fenomenológico co adolescentes, genitores e avós. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, 2010.
9. URIBE-RODRIGUEZ, ANA Fernanda et al. Diferencias evolutivas en la actitud ante la muerte entre adultos jóvenes y adultos mayores. *Act.Colom.Psicol.*, Bogotá , v. 11, n. 1, p. 119-126, June 2008.
10. DOMINGUES, Glaucia Regina *et.al.* - Atuação do Psicólogo no Tratamento de Pacientes Terminais e seus familiares. *Psicologia Hospitalar*, 2013, v.11, p. 2-24.
11. AZEREDO, Nára Selaimen G; ROCHA, Cristianne Famer; CARVALHO, Paulo Roberto Antonacci. O Enfrentamento da Morte e do Morrer na Formação de Acadêmicos de Medicina. *Rev. Bras. Educ. Med.* Rio de Janeiro, v. 35 (1), p.37-43, 2011.
12. BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. Edº 13, Editora Saraiva, 1999. [online].
13. JUNKEIRA, Maria Hercília Rodrigues; KOVÁCS, Maria Júlia. Alunos de Psicologia e a Educação para a morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 28 (3), p. 506-519, 2008.
14. BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia, diretrizes curriculares e processos educativos na Amazônia: um estudo da formação de psicólogos. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, V. 14, Nº 1, São Paulo – SP, Janeiro/Junho de 2010.

15. BANDEIRA, Danieli; BISOGNO, Silvana Bastos Cogo. A abordagem da morte e morrer na graduação em enfermagem: Um relato de experiência. *Revista Contexto & Saúde*, Ijuí, v. 11, n.º 21, 2011. Disponível em: < <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/380> > Acesso em: 05 Jun. 2016
16. SCHMIDT, Beatriz; GABARRA, Letícia Macedo; GONÇALVES, Jadete Rodrigues - Intervenção Psicológica em Terminalidade e Morte: Relato de Experiência. *Paidéia*. set.-dez. 2011, v. 21, n. 50, p. 423-430 Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil.
17. KLIEMANN, Amanda. Cuidados paliativos no contexto hospitalar: intervenções psicológicas sistêmicas para uma “boa morte”. *Familiare Instituto Sistêmico, Monografia (Graduação em Terapia Relacional Sistêmica)* 2013.
18. RODRIGUES, Eliane Souza; SOUZA, Mônica Martins de. A inclusão dos pacientes em estado terminal pelo viés da atuação da Psicologia Hospitalar. *Anais do II Seminário Internacional de Integração Étnico Racial*, V. 1, Nº 2, p. 96-100, 2015.
19. MELO, Adriana Fernandes Vieira de; ZENI, Luciana Lima; COSTA, Célia Lídia da; FAVA, Antônio Sérgio. A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação de morte. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*; v.13, n.1, p. 152-166, Rio de Janeiro, 2013.
20. LIMA, Vanessa Rodrigues; BUYS, Rogério. Educação para a morte na formação de profissionais de Saúde. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. v. 60, n. 03, 2008.
21. CUSTÓDIO, Misael R. de Martins. O processo de morte e morrer no enfoque dos acadêmicos de enfermagem. *Encontro Revista de Psicologia*, v. 13, n.º 18, 2010.
22. ARAÚJO, Luciana Teixeira de. Reflexões sobre morte na perspectiva de Psicólogos Hospitalares. Monografia. UNICEB. Dezembro de 2008.
23. KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento humano. Casa do Psicólogo, 1992, São Paulo. [online]
24. FARAJ, Suane Pastoriza; Cúnico, Sabrina Daiana; QUINTANA, Alberto Manuel; BECK, Carmem Lúcia Colomé. Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 441-461, dez. 2013.
25. FREITAS, Adriana Francisca Santana de Carvalho; OLIVEIRA, Samanta Aparecida de. Os impactos emocionais sofridos pelo profissional de psicologia frente à morte em contexto hospitalar. *Akrópolis* v. 18, n. 4, p. 263-273, out./dez. 2010.
26. MENDES, J.A; LUSTOSA, M.A; ANDRADE, M.C.M. Paciente terminal, família e equipe de saúde. *Revista SBPH*, Rio de Janeiro, 12 (1), p. 151- 173, .(2009)
27. KLÜBER-ROSS, Elisabeth – Sobre a Morte e o Morrer. 7º Edição, São Paulo, Martins Fonte, Tradução Paulo Menezes, 1996. [online].

Como citar (Vancouver)

Carnicheli EKRN, Casarin RG. O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. *Rev Cient Fac Educ e Meio Ambiente* [Internet]. 2018;9(1):301-319. DOI: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i1.516>